

PROVA DE AD | 2024.1
Segunda parte

Nesta parte mais analítica da avaliação, escolher entre duas das três questões para responder.

Questão 1 (valor 3,0) | Tendo em vista as discussões do Círculo de Bakhtin:

- a) Escreva no máximo dois parágrafos que comentem a afirmação de que o signo reflete e refrata a realidade.
- b) Escreva um texto de até uma página que reflita sobre o conceito de dialogismo, dando exemplos de dialogia em discursos da imprensa ou das redes sociais.

Questão 2 (valor 3,0) | Em *A Ordem do Discurso*, Michel Foucault discorre sobre procedimentos de controle dos discursos, cujos objetivos são chamar a atenção para seus perigos e codificar seu caráter de acontecimentos. A partir dos procedimentos descritos por Foucault, leia os quatro textos abaixo:

Texto 1:

“Não fui filólogo em vão, talvez o seja ainda, isto é, um professor da lenta leitura: — afinal, também escrevemos lentamente. [...] . Pois filologia é a arte venerável que exige de seus cultores uma coisa acima de tudo: pôr-se de lado, dar-se tempo, ficar silencioso, ficar lento — como uma ourivesaria e saber da palavra, que tem trabalho sutil e cuidadoso a realizar, e nada consegue se não for lento. Justamente por isso ela é hoje mais necessária do que nunca, justamente por isso ela nos atrai e encanta mais, em meio a uma época de “trabalho”, isto é, de pressa, de indecorosa e suada sofreguidão, que tudo quer logo “terminar”, também todo livro antigo ou novo: — ela própria não termina facilmente com algo, ela ensina a ler bem, ou seja, lenta e profundamente.”

NIETZSCHE, Friedrich. **Aurora**: reflexões sobre os preconceitos morais. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo. Companhia das Letras, 2004. [*Prólogo*, §5]

Texto 2:

“A linguagem só entrou diretamente e por si própria no campo do pensamento no fim do século XIX. Poder-se-ia mesmo dizer no século XX, se Nietzsche, o filólogo — e nisso também ele era tão erudito, a esse respeito sabia tanto e escrevia tão bons livros — não tivesse sido o primeiro a aproximar a tarefa filosófica de uma reflexão radical sobre a linguagem.”

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. Tradução de Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 420.

Texto 3:

“[...] assim, não é a mesma relação que existe entre o nome de Nietzsche por um lado e, por outro, as autobiografias da juventude, as dissertações escolares, os artigos filológicos, Zarathustra, Ecce Homo, as cartas, os últimos cartões-postais assinados por ‘Dionysos’ ou ‘Kaiser Nietzsche’, as inumeráveis cadernetas em que se misturavam notas de lavanderia e projetos de aforismos.”

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 8.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012. p.29.

Texto 4:

“No Facebook e em outras redes sociais do tipo, todas as citações são de Nietzsche.”

- Friedrich Nietzsche
(1844 – 1900)



Disponível em: <<https://paradigmaglobalizado.wordpress.com/2013/09/13/citacoes-da-internet/citacao-nietzsche/>>.

A partir da leitura dos 4 textos, **produza uma discussão acerca dos procedimentos de controle do discurso**, conforme definidos por Michel Foucault, **dando ênfase** à problematização sobre a **autoria** e o **comentário**.

Questão 3 (valor 3,0) | Elabore uma análise do discurso do texto de Danuza Leão, *Ser Especial*, publicado no jornal *Folha de São Paulo*, em 25 de novembro de 2012. Você pode mobilizar, em sua análise, diversos conceitos apresentados pela disciplina e qualquer uma das correntes teóricas – até mais de uma delas.

SER ESPECIAL, escrito por Danuza Leão

Ir a Nova York já teve sua graça, mas, agora, o porteiro do prédio também pode ir, então qual a graça?

AFINAL, QUAL a graça de ter muito dinheiro? Quanto mais coisas se tem, mais se quer ter e os desejos e anseios vão mudando -e aumentando- a cada dia, só que a coisa não é assim tão simples. Bom mesmo é possuir coisas exclusivas, a que só nós temos acesso; se todo mundo fosse rico, a vida seria um tédio.

Um homem que começa do nada, por exemplo: no início de sua vida, ter um apartamento era uma ambição quase impossível de alcançar; mas, agora, cheio de sucesso, se você falar que está pensando em comprar um com menos de 800 metros quadrados, piscina, sauna e churrasqueira, ele vai olhar para você com o maior desprezo -isso se olhar.

Vai longe o tempo do primeiro fusquinha comprado com o maior sacrifício; agora, se não for um importado, com televisão, bar e computador, não interessa -e só tem graça se for o único a ter o brinquedinho. Somos todos verdadeiras crianças, e só queremos ser únicos, especiais e raros; simples, não?

Queremos todas as brincadeiras eletrônicas, que acabaram de ser lançadas, mas qual a graça, se até o vizinho tiver as mesmas? O problema é: como se diferenciar do resto da humanidade, se todos têm acesso a absolutamente tudo, pagando módicas prestações mensais?

As viagens, por exemplo: já se foi o tempo em que ir a Paris era só para alguns; hoje, ninguém quer ouvir o relato da subida do Nilo, do passeio de balão pelo deserto ou ver as fotos da viagem -e se for o vídeo, pior ainda- de quem foi às muralhas da China. Ir a Nova York ver os musicais da Broadway já teve sua graça, mas, por R\$ 50 mensais, o porteiro do prédio também pode ir, então qual a graça? Enfrentar 12 horas de avião para chegar a Paris, entrar nas perfumarias que dão 40% de desconto, com vendedoras falando português e onde você só encontra brasileiros -não é melhor ficar por aqui mesmo?

Viajar ficou banal e a pergunta é: o que se pode fazer de diferente, original, para deslumbrar os amigos e mostrar que se é um ser raro, com imaginação e criatividade, diferente do resto da humanidade?

Até outro dia causava um certo frisson ter um jatinho para viagens mais longas e um helicóptero para chegar a Petrópolis ou Angra sem passar pelo desconforto dos congestionamentos. Mas hoje esses pequenos objetos de desejo ficaram tão banais que só podem deslumbrar uma menina modesta que ainda não passou dos 18. A não ser, talvez, que o interior do jatinho seja feito de couro de cobra -talvez.

É claro que ficar rico deve ser muito bom, mas algumas coisas os ricos perdem quando chegam lá. Maracanã nunca mais, Carnaval também não, e ver os fogos do dia 31 na praia de Copacabana, nem pensar. Se todos têm acesso a esses prazeres, eles passam a não ter mais graça.

Seguindo esse raciocínio, subir o Champs Elysées numa linda tarde de primavera, junto a milhares de turistas tendo as mesmas visões de beleza, é de uma banalidade insuportável. Não importa estar no lugar mais bonito do mundo; o que interessa é saber que só poucos, como você, podem desfrutar do mesmo encantamento.

Quando se chega a esse ponto, a vida fica difícil. Ir para o Caribe não dá, porque as praias estão infestadas de turistas - assim como Nova York, Londres e Paris; e como no Nordeste só tem alemães e japoneses, chega-se à conclusão de que o mundo está ficando pequeno.

Para os muito exigentes, passa a existir uma única solução: trancar-se em casa com um livro, uma enorme caixa de chocolates -sem medo de engordar-, o ar-condicionado ligado, a televisão desligada, e sozinha.

E quer saber? Se o livro for mesmo bom, não tem nada melhor na vida.

Quase nada, digamos.

